



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



BOB

CONTOS

PARA

VELHOS

(1.^a SÉRIE)

2\$000

RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua Moreira Cesar n. 82.

1897

OS OCULOS

O velho e austero doutor Ximenes, um dos mais sabios professores da Faculdade, tem uma espinhosa missão a cumprir junto da pallida e formosa Clarisse... Vai examinal-a : vai dizer qual a razão da sua fraqueza, qual a origem d'aquelle depauperamento, d'aquella triste agonia de flor que murcha e se estiôla.

A bella Clarisse !... E' casada ha seis mezes com o gordô João Paineiras, o conhecido corretor de fundos,—o *João dos oculos*, como o chamam na Praça por causa d'aquelles grossos e pesados oculos de ouro que nunca deixam o seu forte nariz de ventas cabelludas. Ha seis mezes! e mingua, e emmagrece, e tem na face a côr da cêra das promessas de igreja—a bella Clarisse.

E—ó espanto!—quanto mais fraca vai ficando ella, mais forte vai ficando elle, o João dos olhos,—um latagão que vende saúde aos kilos. Assusta-se a familia da moça. Elle, com o seu ingenuo sorriso, vai dizendo que não sabe... que não comprehende... porque, emfim—que diabo!—se a culpa fosse sua, elle tambem estaria na espinha...

E é o velho e austero Dr. Ximenes, um dos mais sabios professores da Faculdade, um poço de sciencia e discreção, quem vai esclarecer o mysterio. Na sala, a familia ansiosa espia com rancor a gorda face do João impassivel. E na alcova, demorado e minucioso, o exame continúa.

Já o velho doutor, com a cabeça encanecida sobre a pelle núa do peito da enferma, auscultou longamente os seus pulmões delicados: já, levemente apertando entre os dedos aquelle punho macio e branco, tacteou o pulso, tenue como um fio de seda... Agora, com o olhar arguto, percorre a pelle da bella Clarisse—branca e cheirosa pelle—o collo, a cinta, o resto... De repente—que é aquillo que o velho e austero doutor percebe na pelle, abaixo... abaixo... abaixo do ventre?...

Leves escuriações, quasi imperceptiveis arranhaduras avultam aqui e alli vagamente, vagamente . . . nas côxas...

O velho e austero dõutor Ximenes funga uma pitada, coça a calva, olha fixamente os olhos da sua doente, toda alvoroçada de pudor :

— Isto que é, filha ? pulgas ? unhadas de gato ?

E a bella Clarisse, tonta de confusão, enrolando-se no penteador de musselina como n'uma nuvem, balbucia, córando :

— Não ! não é nada . . . não sei . . . isto é . . . talvez seja dos oculos do João . . .

COMO OS CÃES

— Não é possível, senhora! — dizia o commendador á esposa — não é possível!

— Mas se eu lhe digo que é certo, *seu* Lucas! — insistia a D. Thereza — pois se foi mesmo a nossa filha quem m'o disse!

O commendador Lucas, attonito, coçou a cabeça:

— Oh! senhora! mas isso é grave! Então, o rapaz já está casado com a menina ha dous mezes e ainda...

— Ainda nada, *seu* Lucas, absolutamente nada!

— Valha-me Deus! Emfim, eu bem sei que o rapaz, antes de casar, nunca tinha andado pelo mundo... sempre agarrado ás saias da tia... sempre mettido pelas igrejas... Mas — que diabo! — como é que, em dous

mezes, ainda o instincto não lhe deu aquillo que a experiencia já lhe devia ter dado?! Emfim, vou eu mesmo fallar-lhe, senhora! vou eu mesmo fallar-lhe! Valha-me Deus!

E, nessa mesma noite, o commendador, depois do jantar, chamou á falla o genro, um moço louro e bonito, dono de uns olhos candidos...

— Então, como é isso, rapaz? tu não gostas de tua mulher?

— Como não gosto? Mas gosto muito!

— Tá tá tá... Vem cá! que é que tu lhe tens feito, nestes dous mezes?

— Mas... tenho feito tudo! converso com ella, beijo-a, trago-lhe fructas, levo-a ao theatro... tenho feito tudo...

— Não é isso, rapaz, não é sómente isso! o casamento é mais alguma cousa! tu tens de fazer o que todos fazem, caramba!

— Mas... não entendo...

— O' homem! tu precisas... tu precisas... ser marido de tua mulher!

— ... não comprehendo...

— Valha-me Deus! tu não vêes como os cães fazem na rua?

— Como os cães?... como os cães?... sim... parece-me que sim...

— Pois, então? Faze como os cães, pedaço de molleirão, faz como os cães! E não te digo mais nada! Faze como os cães...!

E, ao deitar-se, o commendador disse á esposa, com um risinho bregeiro:

— Parece que o rapaz comprehendeu, senhora! e agora é que a menina vai ver o bom e o bonito...

*
* *
*

Uma semana depois, a Rosinha, muito córada, está diante do pai, que a interroga. O commendador tem os olhos esbugalhados de espanto:

— Que, rapariga? pois então, o mesmo?

— O mesmo... ah! é verdade! houve uma cousa que até me espantou... ia-me esquecendo... houve uma cousa... esquisita...

— Que foi? que foi?—exclamou o commendador—que foi?... eu logo vi que devia ter havido alguma cousa!

— Foi uma cousa exquisita... Elle me pediu que eu ficasse... assim... assim... como um bicho... e...

— E depois? e depois?

— E depois... depois... lambeu-me toda... e...

— ... e?

— ... e dormiu!

III

O LUAR

Insomne, a moça Luiza .
Salta do leito, em camisa...
Verão! verão de rachar!
Calor! calor que devora!
Luiza vai dormir fóra,
Ao luar...

Ardente noite estrellada...
Entre as plantas, descansada,
Põe-se Luiza a roncar.
Dorme toda a Natureza...
E que esplendor! que belleza
No luar!

Olha-a o luar com ciumes...
E sahem vivos perfumes
Do jardim e do pomar:
E ella, em camisa, formosa,
Repousa, como uma rosa,
Ao luar!

Mas alguém (fantasma ou gente?)
Chega-se prudentemente,
Para o seu somno espreitar...
—Alguem que, ardendo em desejo,
Lhe põe nos lábios um beijo,
Ao luar...

Ella dorme... coitadinha!
Nem o perigo adivinha,
Pobre! a dormir e a sonhar...
Sente o beijo... mas parece
Que é um beijo quente que desce
Do luar...

A lua (dizem-n'ó os sábios...)
Tambem tem bocca, tem' lábios,
Lábios que sabem beijar.
Luiza dorme, em camisa...
Como é formosa a Luiza
Ao luar!

Vão depois correndo os mezes,
Entre risos e revezes...
—Começa a moça a engordar...
Vai engordando, engordando...
E chora, amaldiçoando
O luar...

Já todo o povo murmura.
E, na sua desventura,
Ella só sabe chorar;
Chora e diz que não sabia
Que tanto mal lhe faria
O luar...

E o pai, que é homem sizudo,
Homem que percebe tudo,
Pergunta-lhe a praguejar:
«Que é que tu tens, rapariga?!»
E ella: «Eu tenho na barriga...
O luar!»

A ENGUIA

Ao alvorecer, na pequenina aldeia, á beira-mar, padre João, ainda estremunhado de somno, vai seguindo a praia branca, a caminho da egrejinha, que apparece ao longe, clara e alegre, levantando no nevoeiro a sua torre esbelta. Lá vai o bom parochio dizer a sua missa e prégar o seu sermão de quaresma... Velho e gordo, muito velho e muito gordo, padre João é amado de toda a gente do logar. E os pescadores, que o vêm, vão deixando as redes e vão tambem seguindo para a igreja. E o bom parochio abençôa as suas ovelhas, e vai sorrindo, sorrindo, com aquelle seu sorriso todo bondade e todo indulgencia... A' porta da igreja, a Sra. Thomazia, velha devota que o adora, vem ao encontro d'elle:

— Padre João! Aqui está um regalo que lhe quero offerecer para o seu almocinho de hoje...

E tira do cabaz uma enguia, uma soberba enguia, grossa e appetitosa, viva, remexendo-se.

— Deus te pague, filha! — diz o bom padre, — e os seus olhos fulguram, cheios de jubilo e gula. E segura a enguia, e vai entrando com ella na mão, seguido da velha devota. Que bella enguia! e padre João apalpa voluptuosamente o peixe...

Mas já ahí vem o sacristão. A igreja está cheia... A missa vai começar... Que ha de fazer o padre João da sua formosa enguia? Deixal-a alli, expol-a ao appetite de padre Antonio, que tambem é guloso? Padre João não hesita: levanta a batina e com um barbante amarra a enguia em roda da cintura.

A missa acaba. Padre João, commovido e grave, sobe ao pulpito rustico da igreja. E a sua voz pausada começa a narrar a delicia da abstinencia e das privações: é preciso amar a Deus... é preciso evitar as torpezas do mundo... é preciso fugir das

tentações da carne... E o auditorio ouve com recolhimento a palavra suave do seu bom parcho.

Mas, de repente, que é aquillo? Os homens abrem os olhos espantados; remexem-se as mulheres, levantando curiosamente os olhares para o pulpito... E' que, na barriga de padre João, debaixo da batina, alguma coisa grossa está bolindo... E já na multidão dos fieis correm uns risinhos abafados...

Padre João comprehende. Pobre parcho! pobre parcho atrapalhado! córa até a raiz dos cabellos, balbucia, fica tonto e confuso. Depois, cria coragem e, vencendo a vergonha, exclama :

— Não é nada do que pensaes, filhas! não é carne! é peixe! é peixe! não é carne!...

E sacode no ar, com a mão tremula, a enguia da senhora Thomazia...

O PARAISO

A pallida Ramona
E' uma formosa dona,
Moça e cheia de encantos:

Tem a graça e a malicia do Demonio...
E, aos vinte annos, uniu-se em matrimonio
Ao Chilperico Santos.

Ornou-lhe a fronte de gentis galhadas...
E, quando elle, entre as gentes assustadas,
Passava assim, — que sustos e que espantos!
Por fim, morreu... foi pena!

— E a viuva, serena,
Casou de novo... com Silverio Santos.

Fez o mesmo ao segundo que ao primeiro;
E, louca, ao mundo inteiro
Andava namorando pelos cantos...
Elle morreu. E a pallida senhora,
Serena como outr'ora,
Casou... com Hermes Santos.

Fez ao terceiro o mesmo que ao segundo. . .
Depois d'elle, casou com Segismundo
Santos. . . Depois, sem lutos e sem prantos,
Sem se lembrar dos pobres fallecidos,
Foi tendo por maridos
Uns onze ou doze Santos!

.....
Ninguem jámais teve maridos tantos!
Mulher nenhuma teve menos siso!
— E, por ter enganado a tantos Santos,
Quasi, com os seus encantos,
Converteu n'um curral o Paraiso. . . .

A COSTURA

Tão bonita, tão bem feita, dona de tão lindos olhos e de tão formoso sorriso, a Maróca, — mas tão tola!... Aos dezeseite annos, tinha a ingenuidade das crianças de mamma; e o seu coração só entendia o amor dos gatos, das bonecas, de quantos brinquedos innocentes podem interessar a alma de uma criança. A mãe, lavadeira e engommadeira de fama, dizia sempre ao seu compadre e visinho Manoel Tesoura, — alfaiate de bairro :

— Olhe, compadre! esta é que não me dá trabalho nenhum: a pobre pequena nem sabe o que é namorar! Quando a deixo em casa com o irmão pequeno, saio com a alma tão tranquilla como se a deixasse guardada por todo um batalhão... Virtude e innocencia até alli, compadre!

E o Manoel Tesoura, piscando o olho, respondia :

— Assim é que ellas se querem, comadre, assim é que ellas se querem... Isto de raparigas, — quanto mais sabidas, mais difíceis de guardar...

De facto, quando a velha ia ao rio lavar a sua roupa, a Maroca ficava sósinha, brincando com o irmão, o Antonico, que só tinha seis annos. E tão innocente era ella como elle. E, ás vezes, o Manoel Tesoura vinha allí passar um bocado de tempo a conversar com a rapariga, e trazia a sua agulha, e as suas fazendas, e as suas linhas, e ficava a admirar aquella mocidade e aquella innocencia.

E foi um dia, a velha lavadeira, ao voltar do rio com a roupa molhada, achou sósinho em casa o pequeno, que dormia. Chamou :

— Maróca! Maróca!

Nada... Sahiu, foi á casa do alfaiate, bateu á porta:

— Compadre! compadre!

Nada... Já preocupada, voltou á casa, acordou o Antonico :

— Que é da mana, filho?

E o pequeno, estremunhado:

— Mana sahiu, foi-se embora com seu Manoel... Seu Manoel coseu ella, coseu, coseu, e depois disse a ella que era mais melhor ir-se embora juntos, porque mamãi não havia de gostar de ver ella cosida...

— Cosida? como foi que seu Manoel podia coser a mana, filho?

— Coseu, mamãi, coseu bem cosida, sim senhora. Coseu bem cosida com uma agulha muito grossa... Até seu Manoel coseu ella com dois novellos de linha! Até seu Manoel me pediu que eu suspendesse os novellos d'elle, mamãi!...

VII

MEDICINA

Rita Rosa, camponeza,
Tendo no dedo um tumor,
Foi consultar com tristeza
Padre Jacintho Prior.

O Padre, com a gravidade
De um verdadeiro doutor,
Diz: « A sua enfermidade
Tem um remedio: o calor...

Traga o dedo sempre quente...
Sempre com muito calor...
E ha-de ver que, finalmente,
Rebentará o tumor! »

Passa um dia. Volta a Rita,
Bella e cheia de rubor...
E, na alegria que a agita,
Cáe aos pés do confessor:

« Meu padre! estou tão contente!...
Que grande cousa, o calor!
Puz o dedo em logar quente...
E rebentou o tumor... »

E o padre: « E' feliz, menina!
Eu tambem tenho um tumor...
Tão grande, que me allucina,
Que me allucina de dor... »

« O' padre! mostre o seu dedo,
(Diz a Rita) por favor!
Mostre! porque ha-de ter medo
De lhe applicar o calor?

Deixe ver! eu sou tão quente!...
Que dedo grande! que horror!
Ai! padre... vá... lentamente...
Vá gozando... do calor...

Parabens... padre Jacintho!
Eu... logo... vi... que o calor...
Parabens, padre... Já sinto
Que... rebentou o tumor... »

VIII

OS ANNEIS

A bella sociedade, a sociedade alegre, composta de rapazes e de raparigas, estava reunida em roda da larga mesa da sala de jantar, convertida em mesa de jogo. A velha mãe das raparigas, a gorda Sra. Manoela Mathias, bem sabia que aquellas noitadas de vispora e chá lhe custavam os olhos da cara... mas que havia de fazer a Sra. Manoela Mathias? — morrerá-lhe o marido, deixando-lhe aquellas seis filhas, e — com todos os diabos! — era preciso casar as raparigas, pois não era? E allí estava a boa viuva á cabeceira da larga mesa da sala de jantar, embrulhada no seu chaile de ramagens, vigiando as filhas, que, ao lado dos namorados, iam cobrindo com os grãos amarellos do milho os cartões do vispora...

Cacilda, a mais velha, (vinte annos, dizia ella; vinte e einco, diziam as más linguas) estava ao lado do louro Eduardo, um janota que, ás vezes, no *firt* innocente com meninas solteiras, descansa das aventuras mais praticas com as casadas... Juntos, juntinhos, inclinados sobre os cartões -- tão juntinhos que, de quando em quando, as suas cabeças se tocavam e os seus halitos se confundiam... E os outros pares iam marcando os numeros... E Calcida e Eduardo— que caiporismo! — tinham os cartões descobertos, tinham o monte de grãos de milho intacto, sobre a toalha da mesa... E a boa senhora Manoela Mathias, cochilando, embrulhada no seu bonito chaile de ramagens, presidia áquelle divertimento innocente. Então? era preciso casar as raparigas, pois não era?

De repente, o louro Eduardo deixa escapar da garganta um grito rouco de dor, de angustia, de horror... E, muito pallido, o louro Eduardo aperta apressadamente com as mãos a... barriga, enquanto Cacilda baixa a face inundada de uma onda de rubor.

— Que foi ?

— Que foi ?

— Que foi ?

— Nada... uma dor que me deu... já passou... já passou...

.....
E, á sahida, depois do chá, o louro Eduardo confia ao seu amigo Americo o segredo do seu grito. E Americo, entre duas risadas, indaga :

—... com as unhas ?

— Qual com as unhas, filho! com os aneis! Eu não sei para que é que aquella rapariga quer tantos aneis na mão direita! Estou todo arranhado, filho, estou todo arranhado...

IX

Como a pescada....

Casados ha tres mezes, -- já o arrufo, já o ciúme, já a resinga... E Clelia quer que o marido, o Alvaro, lhe ponha já para alli toda a verdade: se foi de facto noivo de Laura, e porque é que foi expulso da casa de Laura, e porque não casou com Laura, e porque é que a familia de Laura lhe tem tanta raiva...

— Mas, filhinha, sê sensata; não nos casámos? não somos felizes? não te amo como um louco? que queres mais? beijemo-nos! que me importa a mim a lembrança de Laura, se é a ti que amo, se te pertenço, se sou o teu maridinho carinhoso? — suspira Alvaro, procurando com os labios anciosos os labios da arrufada Clelia...

— Não, senhor! não, senhor! — diz a

teimosa, repellindo-o — Não, senhor! quero saber tudo! vamos a isso! foi ou não foi noivo de Laura?

— Ai! — geme o marido — já que não ha remedio... fui, queridinha, fui...

— Bem! e porque não casou com ella?

— Porque... porque o pai preferiu casal-a com o Borba, com o commendador Borba, sabes? aquelle muito rico e muito sujo, sabes?

— Sei... Mas isso não explica o motivo porque o pai de Laura tem tanto odio ao senhor...

— E' que... é que, comprehendes... tinha havido tanta intimidade entre mim e a filha delle...

— Que intimidade? vamos, diga tudo! o senhor costumava ficar sósinho com ella?

— A's vezes, ás vezes...

— E abraçava-a?

— A's vezes...

— E beijava-a?

— A's vezes...

— E chegava-se muito para ella?

— Sim, sim... Mas não fallemos nisso!

que temos nós com o passado, se nos amamos, se estamos casados, se . . .

— Nada! nada!— insiste Clelia —quero saber tudo, tudo! vamos! e depois?

— Depois? mais nada, filhinha, mais nada . . .

Clelia, porém, com um brilho singular de curiosidade maliciosa nos grandes olhos azues, insiste ainda :

— Confesse! confesse! ella . . . ella não lhe resistio! não é assim?

— . . .

— Diga! confesse!— e abraça o marido, adulando-o . . .

— Pois bem! é verdade!— responde elle —mas acabou, passou . . . Que te importa o que houve entre mim e Laura, se nesse tempo ainda eu te não conhecia, a ti, tão pura, a ti, tão boa, a ti que, emquanto foste minha noiva, nem um só beijo me deste?

.....
Clelia, muito séria, reflecte . . . E, de repente :

— Mas, escuta, Alvaro! como foi que o pai soube?

— Por ella mesma, por ella mesma!
A tola contou-lhe tudo...

— Ah! Ah! Ah! — e Clelia ri como
uma louca, mostrando todas as perolas da
bocca—ah! ah! ah! então foi ella quem...
que idiota! que idiota! ah! ah! ah! Ora já
se viu que pamonha? ahi está uma cousa
que eu não teria feito!—uma asneira em que
não cahi nunca...

— Como? como? — exclama o marido,
aterrado—uma asneira em que não cahiste?!

— Mas, certamente, queridinho, certa-
mente! ha cousas que se fazem mas não se
dizem.

.....
E enquanto Alvaro, acabrunhado, apalpa
a testa—lá fóra, na rua, ao luar, um violão
tange o fado e a voz do fadista canta:

« Homem que casa não sabe
Qual o destino que o espera...
Ha gente como a pescada,
Que antes de o ser já o era... »

Immuniidade...

Foi Praxedes Christiano

A' Capital Federal:

Levou a mulher, o mano

E a filha. E, ao cabo de um anno,

Regressa ao torrão natal.

Regressa... Vão esperal-o,

Com festas e rapapés,

Os amigos, a cavallo;

Queimam-se bichas de estalo,

Foguetes e busca-pés.

Praxedes, guapo e pachóla,

Vem transformado e feliz:

Traz polainas e cartola,

E guarda-chuva de mola,

E botinas de verniz.

A mulher, gorda matrona,
E' aquillo que se vê:
— Vem que parece uma dona,
— Vestido côr de azeitona,
Sahido do Raunier...

Depois do almoço, se ajunta
Toda a gente principal;
E, depois de toda junta,
— O que ha de novo, pergunta,
Na Capital Federal.

Praxedes impa de orgulho,
E principia a fallar:
« Ah! que vida! que barulho!
No Rio, este mez de julho
E' mesmo um mez de gozar! »

Praxedes falla de tudo,
Sem cousa alguma esquecer;
Todo o auditorio pelludo
Fica tonto, fica mudo,
E de tudo quer saber.

Nisto, o velho boticario,
Sujeito de distincção,
Que idolatra o Formulario
E é gloria do campanario,
Põe em campo esta questão:

« Já que tanta cousa viste,
Praxedes, dize-me cá:
Dizem, não sei se por chiste
Ou por maldade, que existe
Muita syphilis por lá... »

« E' pura intriga, *seu* Ramos!
(Diz o Praxedes) que quer?
Um anno por lá passamos...
E nada disso apanhámos,
Nem eu, nem minha mulher! »

O VASO

Oh! o lindo, o lindo vaso que Celina possuía! e com que carinho, com que meiguice tratava ella as flores daquelle vaso, o mais bello de toda a aldeia!

Levava-o a toda a parte: e, no seu ciúme, na sua avareza, não queria confial-o a ninguem, com medo de que mãos profanas estragassem as raras flores que nelle viçavam. Ella mesma as regava, de manhã e á noite; ella mesma as catava cuidadosamente todos os dias, para que nenhum insecto as roesse ou lhes polluisse o assetinado das petalas. E em toda a aldeia só se fallava do vaso de Celina. Mas, a rapariga, cada vez mais ciosa do seu thesouro, escondia-o, furtava-o ás vistas de todo o mundo. Oh! o lindo, o lindo vaso que Celina possuía!

Certa vez, (era por ocasião das colheitas) Celina acompanhou as outras raparigas ao campo. A manhã era esplendida. O sol inundava de alegria e de luz a paisagem. E as raparigas iam cantando, cantando; e as aves nas arvores, gorgeando, e as aguas do riacho nos seixos da estrada, murmurando, faziam cõro com ellas. E Celina levava escondido seu vaso. Não quizera deixal-o em casa, exposto á cobiça de algum gatuno. E os rapazes diziam: «Aquella que alli vai é Celina, que possui o mais bello vaso da aldeia...»

Por toda a manhã, por toda a tarde, a faina da colheita durou. E, quando a noite desceu, cantando e rindo as raparigas desfilarão, de volta á aldeia. Celina, sempre retrahida, sempre afastada do convivio das outras, deixou-se ficar atrazada. E, sósinha, pela noite escura e fechada, veiu trazendo o seu vaso precioso...

Dizem na aldeia que aquelles caminhos são perigosos: ha por alli, rodando nas trevas, genios máos que fazem mal ás raparigas...

Não se sabe o que houve: sabe-se que Celina, chegando á casa, tinha os olhos cheios

de lagrimas, e queixava-se, soluçando, de que haviam roubado as flores do seu vaso. E não houve consolação que lhe valesse, não houve carinho que lhe acalmasse o desespero. E os dias correram, e correram as semanas, e correram os mezes, e Celina, desesperada, chorava e soffria: « Oh! as flores! as flores do meu vaso que me roubaram!... »

Mas, ao fim do nono mez, Celina consolou-se. Não tinha recuperado as flores perdidas... mas tinha nos braços um pimpolho. E o João das Dórnas, um rapagão que era o terror dos pais e dos maridos, dizia á noite, na taverna, aos amigos, diante dos canecos de vinho:

— Ninguem roubou as flores da rapariga, ó homens! eu é que lhes fiz uma réga abundante, porque não admitto flores que estejam toda a vida sem dar fructos...

O DEFUNTO

O grave professor, apumando sobre o nariz os oculos de ouro, começa a sua lição. Grave, grave, o professor Mac-Leley! calvo, vermelho, possuindo nas bochechas flacidas algumas falripas raras e grisalhas, o velho inglez é a circumspecção em pessoa. Sempre trajado severamente — calças negras, collete negro, rodaque de alpaca negra, gravata negra, de tres voltas... Grave, grave, o professor Mac-Leley!

Levantã-se, tosse duas vezes, passeia pela sala um olhar minucioso, e principia. Os meninos, em semi-circulo, agitam-se, mexem-se, dispõem-se a ouvir a palavra do mestre, que vai fazer a sua lição de cousas. Justamente um dos alumnos faltou: morrera-lhe um tio.

E o circumspecto Mac-Leley aproveita a occasião para ensinar á classe o que é um defunto, o que é a morte, o que é a vida, o que é um cadaver...

— Quando cessa o funcionamento de um orgão, meninos, diz-se que esse orgão está morto. O corpo humano é um conjuncto de orgãos... O funcionamento de todos esses orgãos é a vida. Se os orgãos não funcionam mais, o homem morre, é um defunto, é um cadaver...

(Mas... que é aquillo? pelos bancos da classe passa, continuo e mal disfarçado, um risinho alegre. Toda a classe ri, tomada de uma alegria irresistivel...)

— Meninos! continúa o grave Mac-Leley — quando o corpo morre, começa a decomposição...

(O riso da classe continúa tambem. Todos cochicham, todos se estorcem, todos se agitam nos bancos. O velho mestre enrubesce, atrapalha-se, sem saber o que provoca aquella alegria. Mas, sem parar, com a voz tremula, prosegue.)

— E quando ha a decomposição, ha a infecção e...

(O grave Mac-Leley, pobre! pobre grave Mac-Leley! baixa os olhos, mira-se, examina-se, fica tremulo... Malditos botões! malditos botões! também as calças são tão antigas! malditos botões! malditos botões!.. É o grave Mac-Leley está sobre brasas, e é quasi sem voz que conclue o seu periodo.)

— Meninos... quando ha decomposição ha infecção... e ... por isso... por isso... é que é costume deixar a janella aberta... quando ha um defunto em casa...

XIII

Feito no escuro....

Elle era branco, e ella branca,
Ambos claros como a luz...
Casaram. Baile de arranca,
E pagodeira de truz...

O mais formoso dos ninhos
Era a casa, á beira-mar,
Onde, como dois pombinhos,
Foram os dois arrulhar.

Só elles... e um cozinheiro,
Que era o crioulo Manoel,
Crioulo lesto e ligeiro,
Obediente... e fiel.

Alli, Amor assentava
Os seus doces arraiaes,
E o mar, gemendo, invejava
Aquelles beijos... e o mais.

.....
Nove mezes decorridos,
Uma noticia correu:
Escutaram-se vagidos...
E o morgadinho nasceu!

Qué horror! que espanto! o menino,
Filho d'aquella affeição,
Era bello e pequenino,
Mas... preto como o carvão!...

O marido, ardendo em chamma,
Fígado cheio de fel,
Quer, alli mesmo na cama,
Estrangular a infiel.

Ella, porém, que o conhece,
Pergunta: — « Você que tem ?

« Você maluco parece...

« Reflecta um pouco, meu bem !

« Bem lhe eu dizia, homem duro!

« Porém, você a teimar...

« Olhe! o que é feito no escuro,

« Sempre ha-de escuro ficar!

« Pois... o pobre pequenino...

« Feito de noite... bem vê...

« Cada qual tem seu destino...

« O culpado foi você... »

.....

Tudo acaba em alegria...

Mas o Manoel, no fogão,

Malicioso sorria,

E temperava o feijão.

O DIABO

Tinham mettido tantas caraminholas na cabeça da pobre Luizinha, que a coitada, quando, ás dez horas, apagava a luz, mettida na cama, vendo-se no escuro, tinha tanto medo, que começava a bater os dentes... Pobre Luizinha! que medo, que medo que ella tinha do diabo!

Um dia, não pôde mais! E, no confessorio, ajoelhada diante do padre João, abriu-lhe a alma, e contou-lhe os seus sustos, e disse-lhe o medo que tinha de ver uma bella noite o diabo em pessoa entrar no seu quarto, para a atormentar...

Padre João, acariciando o bello queixo escanhado, reflectiu um momento. Depois, olhando com piedade a pobre pequena ajoelhada, disse gravemente:

— Minha filha! basta ver que está assim preocupada com essa ideia, para reconhecer que realmente o Diabo anda a perseguil-a... Porque o tihoso amaldiçoado assim é que começa...

— Ai, senhor padre! que ha-de ser de mim?! tenho a certeza de que, se elle me apparecesse, eu nem forças teria para gritar...

— Bem, filha, bem... Vejamos! costuma deixar a porta do quarto aberta?

— Deus me livre, senhor padre!

— Pois, tem feito mal, filha, tem feito mal... Para que serve fechar a porta, se o Amaldiçoado é capaz de entrar pela fechadura? Ouça o meu conselho... Precisamos saber se é realmente Elle que quer atormental-a. . Esta noite, reze, deite-se, e deixe a porta aberta... Tenha coragem... A's vezes, é o Anjo da Guarda que inventa essas coisas, para experimentar a fé das pessoas. Deixe a porta aberta esta noite. E, amanhã, venha dizer-me o que se tiver passado...

— Ai! senhor padre! eu terei coragem?...

— E' preciso que a tenha... é preciso que a tenha... vá... e, sobretudo, não diga nada a ninguém... não diga nada a ninguém...

E, deitando a bençãam á rapariga, mandou-a embora. E ficou sósinho, sósinho, e acariciando o bello queixo escanhoado.....

E, no dia seguinte, logo de manhã cedo, já estava o padre João no confessorio, quando viu chegar a bella Luizinha. Vinha pallida e confusa, atrapalhada e medrosa. E, muito tremula, gaguejando, começou a contar o que se passára...

— Ah! meu padre! apaguei a vela, cobri-me toda muito bem coberta, e fiquei com um medo... com um medo... De repente, senti que alguém entrava no quarto... Meu Deus! não sei como não morri... Quem quer que fosse, veio andando devagarinho, devagarinho, devagarinho, e parou perto da cama... não sei... perdi os sentidos...e...

— Vamos, filha, vamos...

—... depois, quando acordei... não sei, senhor padre, não sei... era uma cousa...

— Vamos, filha... era o Diabo?

— Ai, senhor padre... pelo calor, parecia mesmo que eram as chammas do inferno... mas...

— Mas o que, filha? vamos!...

— Ai, senhor padre... mas era tão bom que até parecia mesmo a graça divina...

OS ANJOS

No *atelier* do pintor Alvaro, a palestra vai animada. Lá está o poeta Carlos, muito aprumado, muito elegante, encostado a um *buffet renaissance*, sacudindo o pé em que a polaina branca irradia, mordendo o seu magnifico *Henri-Clay* de tres mil réis. Mais adiante, o esculptor Julio, amorosamente inclinado para a viscondessinha de Mirantes e namoradamente mirando o seu bello collo desnudado, faz-lhe uma prelecção sobre o amor e a belleza: e ella, agitando com indolencia o leque japonéz, sorri, e crava nelle os olhos maliciosos, deixando-o admirar sem escrupulo o seu collo, — como para o desafiar a dizer se a propria Venus de Milo o possui tão branco e tão puro... No sofá, o romancista Henrique discute musica de

Wagner com Alberto, — o maestro famoso, cujo ultimo poema symphonico acaba de fazer um ruidoso successo. São 5 horas da tarde. Serve-se o chá, em lindas taças de porcellana chinesa; e, nos calices de crystal, brilha o tom acceso do *rhum* da Jamaica.

Agora, parece que Julio, o escultor, arriscou um galanteio mais forte. Porque a viscondessinha, córada, morde os labios, e, para disfarçar a sua commoção, contempla um quadro grande, que está na parede do *atelier*, cópia de Raphael.

Julio, fallando baixo, inclina-se mais, ainda mais:

— Então, viscondessa, então?

Ella, para desviar a conversa, pergunta uma banalidade:

— Diga-me, senhor Alvaro! o senhor, que é pintor, deve saber isso... Porque é que, em todos os quadros, os anjos são representados só com cabeças e azas?

De canto a canto da sala, suspende-se a conversa. Alvaro, sorrindo, responde:

— Nada mais facil, viscondessa... que-remos assim indicar que os anjos só têm espirito; damos-lhes unicamente a cabeça em

que reside o pensamento, e a aza que é o symbolo da immaterialidade...

Mas o poeta Carlos, puxando uma longa fumaça do seu cheiroso *Henri-Clay*, adianta-se até o meio da sala:

— Não é só isso, Alvaro, não é só isso... Vou dar á viscondessa a verdadeira explicação do caso...

Tomou um gole de *rhum*, e continuou:

— Antigamente, nos primitivos tempos da Biblia os anjos não tinham apenas cabeças e azas: tinham braços, pernas e tudo. Depois do incendio de Gomorrha, foi que Deus os privou de todo o resto do corpo, deixando-lhes apenas a cabeça que é a séde do pensamento e a aza que é o symbolo da immaterialidade...

— Depois do incendio de Gomorrha? — perguntaram todos — porque?

— Já vão ver!

E Carlos, dirigindo-se a uma estante, tirou uma Biblia, abriu-a e leu:

— IX. Então, como as abominações daquelle cidade maldita indignassem ao Senhor, mandou elle que dois Anjos fossem converter os perversos e aconselhar-lhes que se

deixassem de abusar das torpezas da carne. X. E foram os Anjos, e bateram ás portas da cidade. XI. E os habitantes foram tão infames, que os deixaram entrar, e assim que os tiveram dentro, tambem os violentaram, abusando delles.... »

Houve um silencio **constrangido** no *atelier*...

E Carlos, fechando a Biblia:

— Ahi está. E o Senhor, incendiou a cidade, e, para evitar que os seus anjos continuassem a estar expostos a essas infamias determinou que, dalli em diante, elles só tivessem cabeças e azas...

A viscondessinha, dando um muxôxo, murmurou:

— Shoking !

O PECCADO

A Anacleta ia caminho da igreja, muito atrapalhada, pensando no modo porque havia de dizer ao confessor os seus peccados... Teria a coragem de tudo? E a pobre Anacleta tremia só com a idéa de contar a menor daquellas cousas ao severo padre Roxo, um padre terrivel, cujo olhar de coruja punha um frio na alma da gente. E a desventurada ia quasi chorando de desespero, quando, já perto da igreja, encontrou a comadre Rita.

Abraços, beijos... E lá ficam as duas, no meio da praça, ao sol, conversando.

— Venho da igreja, comadre Anacleta, venho da igreja... Lá me confessei com o padre Roxo, que é um santo homem...

— Ai! comadre! — gemeu a Anacleta — tambem para lá vou... e se soubesse com que medo! Nem sei se terei a ousadia de dizer os meus peccados... Aquelle padre é tão rigoroso. .

— Historias, comadre, historias! — exclama a Rita — vá com confiança e verá que o padre Rôxo não é tão máo como se diz...

— Mas é que os meus peccados são grandes...

— E os meus então, filha? Olhe: disse-os todos e o Sr. padre Rôxo me ouviu com toda a indulgencia...

— Comadre Rita, todo o meu medo é da penitencia que elle me ha de impôr, comadre Rita...

— Qual penitencia, comadre?! — diz a outra, rindo — as penitencias que elle impõe são tão brandas!... Quer saber? contei-lhe que hontem o José Ferrador me deu um beijo na bocca... um grande peccado, não é verdade? Pois sabe a penitencia que o padre Rôxo me deu?... mandou-me ficar com a bocca de molho na pia da agua benta durante cinco minutos...

— Ai! que estou perdida, senhora comadre, ai! que estou perdida! — desata a gritar a Anacleta, rompendo num pranto convulsivo — Ai! que estou perdida!

A comadre Rita, espantada, tenta em vão socegar a outra:

— Vamos, comadre! que tem? então que é isso? socegue! tenha modos! que é isso que tem?

E a Anacleta, chorando sempre:

— Ai, comadre! é que, se elle me dá a mesma penitencia que deu á senhora, — não sei o que hei de fazer!

— Porque, filha? porque?

— Porque... porque .. afinal de contas... eu não sei como é que... hei de tomar um banho de assento na pia!...

INDICE

	PAG.
I Os Oculos.....	3
II Como os cães.....	7
III O Luar.....	11
IV A Enguia.....	15
V O Paraiso.....	19
VI A Costura.....	21
VII Medicina.....	25
VIII Os Anéis.....	27
IX Como a pescada.....	31
X Immunidade.....	35
XI O Vaso.....	39
XII O Defunto.....	43
XIII Feito no escuro.....	47
XIV O Diabo.....	51
XV Os Anjos.....	55
XVI O Peccado.....	59







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).